

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE

**SUÉLEN APARECIDA MONTEIRO ALBINO
TALITA MARTINS LOURENÇO**

**O DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS
E NOS CADERNO DO ALUNO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

**BEBEDOURO-SÃO PAULO
2010**

**SUÉLEN APARECIDA MONTEIRO ALBINO
TALITA MARTINS LOURENÇO**

**O DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS
E NOS CADERNO DO ALUNO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

**BEBEDOURO-SÃO PAULO
2010**

**SUÉLEN APARECIDA MONTEIRO ALBINO
TALITA MARTINS LOURENÇO**

**O DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS
E NOS CADERNO DO ALUNO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de Curso (Monografia)
apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como
requisito parcial para a obtenção do grau de
licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas
literaturas)

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

**BEBEDOURO-SÃO PAULO
2010**

ALBINO, Suélen Aparecida Monteiro; LOURENÇO, Talita Martins

Discurso Marxista nos Livros Didáticos e nos Cadernos Institucionais de Língua Portuguesa / Suélen Ap. Monteiro Albino; Talita Martins Lourenço. -- Bebedouro: Fafibe, 2010. 46f. : il. ; 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras- Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2010.

Bibliografia: f. 40-42.

1. Discurso Marxista 2. Livros Didáticos. 3. Análise do Discurso
- I. Título.

O DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS E NOS CADERNOS INSTITUCIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de conclusão de Curso (Monografia) apresentado às Faculdades Integradas Fafibe como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas)

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Rinaldo Guariglia

Membro Convidado: Prof.^a José Pedro Toniosso

Dedicamos este trabalho as nossas famílias que tantos nos apoiaram no decorrer de toda a trajetória.

Aos nossos amigos que muitas vezes ao longe, motivou nossa força na busca deste sonho

Ao professor Rinaldo, orientador e provedor do Corpus de nossa pesquisa

E para finalizar a nós: Suélen e Talita

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela força que este me fornece e forneceu, pela oportunidade que Este me deu para concluir os meus objetivos, por minha sabedoria, Dele adquirida, extremamente necessária para que eu completasse a minha jornada.

Agradeço a meus pais, Mauro e Sônia. Meu pai por sempre acreditar em minha capacidade, muito mais além do que eu acredito. A minha mãe por me fornecer todo o carinho nos bons e maus momentos, e por me ensinar a paciência e o valor do trabalho verdadeiro quando estas são as mais sábias e honestas opções. Amo muito vocês.

Aos meus irmãos, Tatiana e Rafael, pelas conversas e problemas divididos com eles, e que, pacientemente, souberam me ouvir e me aconselharem.

Ao meu amor e amigo, Reginaldo. Pela sua extrema paciência que demonstrou quando sacrificamos os momentos que poderíamos que ter passado juntos para que eu concluísse o meu caminho, por todo apoio inigualável que me deu e por todo tempo que esteve do meu lado estudando junto comigo, me acalmado quando estava prestes a desistir. Te amo muito.

À minha amiga e companheira de trabalhos e de todas as horas, Suélen. Pelas horas passadas estudando juntas, por toda ajuda que me deu e por ser praticamente minha cara metade em todo curso de Letras.

Aos meus amigos Débora e Vandeir, pelas lembranças divididas e por toda paciência que tiveram comigo em momentos que tive de me ausentar.

Ao meu professor e orientador Rinaldo Guariglia por todo apoio e ajuda que nos deu para a elaboração deste trabalho, sempre sacrificando o seu tempo para que nos colocasse na direção certa, e por todo profissionalismo e boa vontade que este demonstrou a todo o momento e me ensinou.

Talita Martins Lourenço

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de respirar, pela família, pelos meus amigos, pela oportunidade de estudar, pela plena graça de sabedoria de ti a mim transmitida, pelas forças, pelos caminhos abertos.

“Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Filipenses 4: 13

À minha família pelo apoio incondicional a qual me deu durante todo este trajeto estudantil. Minha Mãe Creuza, por todos os sacrifícios, pelas orações, ao meu pai Vanderley, ser humano fascinante que ajudou e ajuda em tudo que lhe peço as minhas irmãs Elizama e Elanan que das suas formas me ajudou e muito. À família maravilhosa que tenho.

Por me apoiar em todas as minhas lamurias e aflições sofridas durante o curso, agradeço a minha amiga e parceira Talita Martins Lourenço e ao Regis de antemão por apoiá-la e transformar sua vida agradável e maleável para me ajudar neste trajeto.

A meu Orientador Rinaldo; o culpado da minha paixão por AD. Foi através seus trabalhos interessantes e cativantes e me envolvi no mundo da Análise do Discurso.

A todos a qual ajudou no Programa Escola da Família, na escola Alexandre de Ávila Borges pelos momentos inesquecíveis.

E a todos que contribuiu para formação do nosso sucesso.

Suélen Aparecida Monteiro Albino

Iluminar para sempre, iluminar tudo,
até os últimos dias da eternidade. Iluminar e só.
Eis o meu lema e o do sol.
(Vladimir Maiakovski)

RESUMO

Para a elaboração deste trabalho, realizou-se pesquisas bibliográficas e de campo para o levantamento do conceito de discurso marxista em livros didáticos e em cadernos institucionais, endossando as marcas linguísticas desta ideologia. De natureza puramente teórica, no primeiro capítulo encontramos as definições e finalidades da Análise de Discurso, pensamento marxista, livro didáticos, cadernos institucionais, marcas linguísticas, todos eles baseando-se na utilidade educacional, em especial da elaboração do livro didático, e segundo a ótica da Análise de Discurso. No segundo capítulo, elaborou-se um trabalho de natureza de campo, através da coleta e análise de discurso dos textos nos livros didáticos que tivesse traços ideológicos marxistas. Através da pesquisa percebeu-se a raridade de textos de cunho político e ideológicos nos livros de português. Os poucos que foram encontrados ofereciam o tema de maneira vaga e pouco clara, precisando o professor recorrer a Análise de Discurso e ao seu conhecimento de mundo para tornar o tema mais claro aos olhos do aluno. A incidência dos textos no material didático tornava-se mais raros à medida que as publicações tornavam-se mais recentes.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Marxismo. Ideologia. Marcas Linguísticas. Livro Didático. Caderno Institucional

RESUMEN

Para la elaboración de este trabajo, se realizaron búsquedas bibliográficas y de campo para la clasificación de la concepción marxista del discurso en libros didácticos y cuadernos institucionales, endosando las marcas lingüísticas de esta ideología. De naturaleza puramente teórica, en el primer capítulo encontramos las definiciones y finalidades de la Análisis del Discurso, el pensamiento marxista, los libros didácticos, cuadernos institucionales, marcas lingüísticas, todas ellas basadas en la utilidad educativa, especialmente en la preparación de libros didácticos, y segundo la perspectiva de la análisis del discurso. En el segundo capítulo, se elaboro un trabajo de la naturaleza de campo, por medio de la colecta y el análisis del discurso de los textos en los libros didácticos que tuviesen huellas ideológicas marxista. A través de la investigación percibimos la rareza de textos de evidencia política e ideológica en los libros de portugués. Los pocos que fueran encontrados ofrecían el tema de manera vacía y poco clara, precisando el profesor recurrir a la Análisis del Discurso y su conocimiento del mundo para hacer el tema más claro a los ojos del estudiante. La incidencia de los textos en los materiales didácticos quedarán se más escasos ha la medida que las publicaciones quedan más recientes.

Palabras Clave: Análisis del Discurso. Marxismo. Ideología. Marcas lingüísticas. Libro Didáctico. Cuadernos Institucionales.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	O DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS E NOS CADERNOS INSTITUCIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	12
2.1	Introdução sobre Análise do discurso.....	12
2.2	A utilização da Análise do discurso no ensino.....	14
2.3	O pensamento Marxista.....	15
2.3.1	Salários, Preço e Lucro.....	16
2.3.1.1	Mais valia.....	16
2.3.1.2	Força de trabalho.....	17
2.4	Funções.....	17
2.4.1	Livros didáticos e suas finalidades.....	17
2.4.2	Proposta Curricular do Estado de São Paulo	19
2.4.3	Marcas Lingüísticas e suas finalidades.....	20
3.	ANÁLISE DO CORPUS: ANÁLISE DO DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS E CADERNOS INSTITUCIONAIS.....	22
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5.	REFERÊNCIAS.....	40

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho de lingüística na Análise do Discurso procurará investigar sentidos de discursos marxistas nos textos de livros e materiais didáticos, principalmente de língua portuguesa. Este assunto disciplinar analisará marcas lingüísticas e discursos dos textos didáticos atinentes aos discursos Marxistas. Analisaremos o caderno do aluno implantado pela Secretaria de Educação de São Paulo¹.

Todo conteúdo a ser desenvolvido consiste na Análise de marcas lingüísticas e discursos relacionados à ideologia marxista em textos didáticos, avaliar se a função da ideologia marxista incluídas nos textos didáticos faz parte do senso comum ou metódico, como por exemplo, as causas do trabalho que são freqüentes ou as questões salariais que são abstratas.

Optamos pela lingüística por trabalhar com o uso funcional da língua, pela Análise do discurso por ser uma área que estuda ideologias, o sujeito multifacetado e a linguagem, e o discurso Marxista pelo fato de Marx introduzir o conceito de ideologia na Análise do Discurso e pelo social que as ideologias proclamam, e nos textos de livros e materiais didáticos para conferir como anda a realidade escolar em termos de social, e como estas ideologias chegam a salas de aulas. Os discursos que esperamos que aparecessem são os que indicam as injustiças no trabalho, os assuntos voltados para o salário e suas melhorias e as diferenças sociais em geral.

Este trabalho consiste em estudo na área de lingüística sobre o discurso e ideologia Marxista de acordo com os pensamentos de Karl Marx e vários outros pensadores marxistas. As reflexões, portanto estão inseridos na Análise do discurso. O corpus de pesquisa são textos de livros e materiais didáticos.

A coleta do corpus respeitou seguintes etapas: Selecionar livros de Língua Portuguesa, e do caderno do aluno da proposta Curricular do estado de São Paulo (Aleatórios); Selecionar textos; Análise das marcas do discurso e da ideologia Marxista nos textos; Discursar sobre os resultados.

No primeiro capítulo contou com estudos teóricos, divididos em Análise do discurso, pensamentos marxistas, livros didáticos, cadernos institucionais e marcas

¹ Caderno do aluno- linguagens, códigos e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias Material utilizado nas aulas de Português, desde o ano 2009, de acordo com Proposta Curricular do estado de São Paulo.

lingüísticas. Na Análise do discurso trabalhamos o surgimento deste conceito e suas finalidades para o ensino de língua portuguesa, no pensamento marxista tratamos o principal pensamento desenvolvido e refletido por Karl Max e outros pensadores marxistas, os livros e o caderno dos alunos foi apresentado à visão da sua função na sala de aula e nas marcas lingüística uma breve definição, como elas atuam em um texto e como auxilia no desenrolar das análises. Os tópicos descritos foram base para a fundamentação do trabalho e o suporte para o segundo capítulo.

O segundo capítulo conta com os textos (língua portuguesa) e suas respectivas análises. A conclusão contempla todos os detalhes que perpassa o trabalho.

2. O DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS E NOS CADERNOS INSTITUCIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 Análise do Discurso

A Análise do Discurso pode ser considerada “estudo do discurso” mais também uma disciplina que tomam o discurso como objeto de estudo.

Não se pode definir ao certo o fundador da AD, o que se sabe são supostos fundadores de correntes, ao qual se desenvolver ao longo das décadas.

O próprio termo “análise do discurso” vem de um artigo de Harris (1952), que a entendia como a extensão dos procedimentos distribucionais a unidades transfrásticas. (CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D, 2004, p43).

A Ad é uma disciplina que emerge das Ciências sociais. Se deslocando entre os sujeitos, atravessando por ideologias. Para ela a idéia de sentido depende da formação discursiva de um texto. A formação discursiva na concepção de Foucault é um conjunto de enunciado que se associa ao mesmo sistema de regras historicamente determinado (FOUCAULT, 2000p. 124)

O objeto de estudo da AD é analisar o discurso:

Foucault diz ainda que: ”Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma retórica ou formal ,indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar[...]é constituído de um número, limitado de enunciados para quais podemos definir um conjunto de condições existência.(FOUCAULT,2000,p.135).

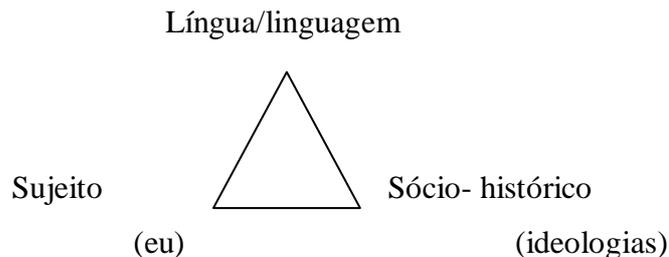
O estudo do discurso para AD perpassa em questões relativas às ideologias e aos sujeitos, é ele quem materializa as ideologias e a subjetividade.

Os discursos podem se constituir de heterogeneidades mostradas e constituídas. As mostradas são os discursos identificados dentro dos textos, possuem marcas de outro discurso, já a constituída não é apresentada de forma clara, é o discurso desconhecido, é apresentada através do discurso indireto.

O enunciado é a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas da comunicação. (CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D, 2004, p.196). Ele não possui o mesmo gênero das frases.

A partir de um enunciado é gerado um enunciador. Enunciador-instância produtora do enunciado ou somente como um efeito de enunciado. (CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D, 2004, p198).

A AD é uma ciência que envolve os três campos: língua/Linguagem, sujeito, sócio- histórico. Uma disciplina de capacidade plena para uma análise completa, pois entrelaçando a lingüística, o sujeito multifacetado e as ciências de formação social.



- Língua/linguagem: forma representativa de uma ideia ou opinião de um sujeito; Para a língua e linguagem os teóricos de AD apóiam na idéia de Saussure
- Sujeito: As consciências envolvidas por traz de um discurso;

As consciências envolvidas por traz de um discurso se desenvolvem a partir de pensamentos Freudianos.

A partir da descoberta do inconsciente por Freud, o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu status de entidade homogênea passa a ser questionada diante da concepção freudiana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente. (MUSSALIN. 2003.p-107).

- Sócio- histórico: O contexto social que envolve toda a produção;

Os questionamentos envolvendo assuntos relacionados ao marxismo e ao social de modo geral fortaleceu a proposta de uma análise completa.

Os percussores da AD na França na década de 1960, Jean Dubois e Michel Pêcheux.

Dubois, um lingüista, lexicólogo envolvido com os empreendimentos da lingüística da época; Pêcheux, um filosofo envolvido com os debates em torno do Marxismo, da psicanálise, da epistemologia. O que há de comum no trabalho desses dois pesquisadores com preocupações distintas é que ambos são tomados pelo espaço do Marxismo e da política, partilhando convicções sobre luta de classes, a história e o movimento social. (MUSSALIN. 2003.p-101-102).

A AD trouxe para a história a totalidade dos enunciados de uma sociedade, aprendida na multiplicidade de seus gêneros, e os convoca a ser tornar objeto de estudo. Este movimento faz a existência da ordem do discurso, transformando em signo.

2.2 A Utilização da Análise do Discurso no ensino

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no artigo 22 diz: A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (LDB, 1996 p.7).

De acordo com VOESE:

O modelo de “socialização que subjaz a proposta da escola reduz o homem a ser apenas mão de obras, pois preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, a tarefa se resume em dar-lhe certa competência para a disputa pela sobrevivência. (VOESE,2004 p.133)

O dito de LDB traduz uma escola de competência de ensino para produção de conhecimento, mas de acordo com a autora, a escola produz mão de obras. A um confronto. É entre este confronto que o AD pode atuar. Por ser uma disciplina que perpassa pela linguagem, pelo sujeito, e pelas ideologias, ela trabalha com as forma de se analisar o mundo que vivemos através dos textos.

É tornar consciente que a “forma” influi na intenção do autor ao produzir o texto. É analisar o texto como um elemento aberto em que os interlocutores (leitor e autor) são partes construtivas do discurso e, portanto, ambos vão determinar a escolha dos vocabulários, da estrutura, do tipo de apresentação, enfim, das marcas lingüísticas que compõem texto em seu todo.

A análise do discurso faz com que o leitor e o texto se encontrem e se transformem. Desloca-se a análise para um trabalho com as emoções, únicas em cada textos e em cada leitor. Assim, há varias possibilidades de leitura, de acordo com a interação leitor-texto. (CÓCCO, M F; HAILER, M, A, 1994, p.6)

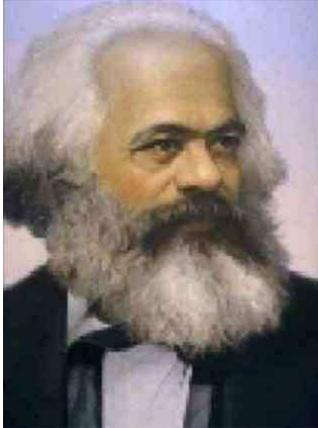
A partir de conceito como este que a AD atua introduzir no aluno o gosto de se analisar.

Às vezes a escola admite o papel de ensinar o uso correto da língua sem se importar com o contexto histórico desse indivíduo. As análises dos textos são produzidas através de conceitos lingüísticos e idéias superficiais sem levar em consideração os discursos. (VOESE, 2004 p.136)

A escola assume, pois, -se o que foi dito até aqui corresponde- a função de, ao ensinar um determinado uso da língua como correto, justificar e valorizar a maneira como segmento social hegemônico interpreta a realidade e hierarquiza os lugares sociais. [...]. O discurso, portanto, não só revela interesses do enunciante, mas também seu lugar social e que o compromete com o projeto social do grupo-pobre ou ricos, homem ou mulher, branco ou negro etc.(VOESE, 2004. p136)

Mas com a utilização da AD no ensino este conceito pode ser afastado e o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional poderá ocorrer com mais freqüência.

2.3 O pensamentos Marxista



Karl Marx nasceu em cinco de maio de 1818, em Treves, Capital da província alemã do Reno, província que respirava liberalismo revolucionário. Morre em 14 de Março de 1883 em Londres, deixando para traz rastro de estudos sobre uma sociedade. (MARX, 1978)

Marx teve uma vida conturbada. Perdera tudo quanto possuía por escrever textos que afetava influências na época. (MARX, 1978)

O pensamento marxista em sua maioria esta pautado em ideologia. Uma ideologia que para Marx tem um conceito pejorativo. (LÖWY, 2002 p.12).

Michael Löwy fala que o conceito ideologia para Marx equivale à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as idéias aparecem como motor da vida real. (LÖWY, 2002.p.12).

O que se vivia na época era uma realidade destorcida do real, o que se apresentava aos trabalhadores não era mais que uma enganação. A burguesia tinha o controle do proletariado através da ideologia. Eles se deixavam ser controlado por acreditavam que seria a melhor solução para suas vidas miseráveis.

De acordo com Fiorin:

A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. Não é um conjunto de idéias que surge do nada ou da mente privilegiada de alguns pensadores. Por isso, diz-se que ela é determinada, em ultima instância, pelo nível econômico. (FIORIN, 2005.p.30)

Ao analisarmos os escritos de Max percebemos que a ideologia é determinada em todos os ângulos pelo nível econômico. Para ele não existia ideologia sem uma classe a dominar. A ideologia era o combustível para que os operários cada vez mais vendessem suas forças de trabalho.

Apesar de todo o seu avesso ao sistema Capitalista, Marx conhecia o sistema, sabia tudo quanto precisava saber sobre o mecanismo envolvente. Ele não escrevia aleatório, sabia o que dizia.



Marx escreveu O Capital, publicada pela primeira vez de 1867 é a obra máxima de Karl Marx em termos de crítica da economia política clássica. (MARX, 1978)

O livro começa mostrando a riqueza da sociedade em que predomina o modo de produção capitalista-acúmulo de mercadorias.

As questões do trabalho tanto estudadas e debatidas pelo autor no decorrer de sua carreira também são tratadas no O Capital como do valor do trabalho, e a mais valia.

O Capital foi o marco para o conhecimento público de Karl Marx, o filósofo pensador de uma das maiores correntes existentes: o marxismo. (MARX, 1978)

Mas esta corrente de Marx não contemplou, durante anos, seus estudos e projetos foram esquecidos pelo tempo. Quando morreu não viu sua obra traduzida para o Inglês (idioma oficial do início da Revolução Industrial-Inglaterra)

2.3.1 Salários, Preço e Lucro.

2.3.1.1 Mais Valia

A Mais Valia foi elaborada junto com vários outros assuntos relacionados ao trabalho. Marx antes de escrever algo sobre o capitalismo conhecia as bases do sistema ao qual se opunha. Todas as teorias relacionadas ao funcionamento do trabalho eram apoiadas em experiências estudadas.(MARX,1978 p.82-83

A Mais Valia é simplesmente um estudo de caso que constata uma exploração. De acordo com ele, se trabalhamos doze horas vendendo nossas forças de trabalho, o salário que temos em seis horas esta venda seria coberta. E às seis horas restantes? Mais Valia.(MARX,1978 p.83)

Exemplificando Marx dizia:

Tomemos como exemplo do nosso fiandeiro. Vimos que, para recompor diariamente a sua força de trabalho, este fiandeiro precisa reproduzir um valor diário de 3 xelins, o que realizava com um trabalho diários de 6 horas. Isto, porém, não lhe tira a capacidade de trabalhar 10 ou 12 horas e mais, diariamente. Mas o capitalista, ao pagar o valor diário ou semanal da força de trabalho do fiandeiro, adquire o direito de usá-la durante todo dia ou toda a semana. Fa-lo-á trabalhar outras 6 horas, portanto, digamos, 12 horas diárias, quer dizer, além das 6 horas necessárias para recompor o seu salário, ou o valor de sua força de trabalho, terá de trabalhar outras 6 horas, a que chamarei de horas sobretrabalho, e este sobretrabalho irá traduzir-se em uma mais valia e em um sobreproduto.(MARX,1978.p83)

2.3.1.2 Força de Trabalho

O trabalho em uma sociedade capitalista é visto como uma mercadoria. Aquele que não dispõe dos meios de produção vende seu trabalho como uma mercadoria.

Marx dizia que os operários não vendem diretamente seu trabalho, mas sim sua força de trabalho, cede temporariamente o capitalista o direito de dispor dela. Este fato acontece com operários assalariados.(MARX,1978 p.80)

O que diferencia um trabalho escravo de outros trabalhos não são as horas trabalhadas nem mesmo as condições de trabalho. A diferença esta no simples fato de que os trabalhadores assalariados sabem por quanto sua força de trabalho é vendida e negociam por ela, os escravos doam suas forças de trabalho a um dono dos meios de produção.(MARX,1978 p.80)

Para o filosofo a força de trabalho é considerada uma mercadoria e como toda outra mercadoria este valor é determinado pela quantidade de trabalho. A força de trabalho de um Homem consiste, pura e simplesmente, na sua individualidade viva, ou seja, até quando um homem consegue vender sua força.(MARX,1978 p.81)

O homem assim como a maquina se gasta e precisa ser substituído por outro homem. Assim além dos artigos de primeira necessidade para o seu próprio sustento ele precisa de subsídios para criar determinados números de filhos para substituí-lo no mercado de trabalho e perpetuar a raça de trabalhadores.(MARX,1978p.81)

Em nossos tempos como no tempo em que Marx a população que se desenvolve em números de descendentes são em sua maioria de classes inferiores em sentido de renda. Portanto o que se pode concluir é que a sociedade, com ou sem, intenção perpetua a raça de trabalhadores.

2.4 Funções

2.4.1 Livros Didáticos e sua finalidade

A respeito de sua definição, devemos ressaltar a complexidade ao dar um sentido mais direto e amplo ao livro didático, como afirma Bittencourt em seu artigo Apresentação,sobre o livro didático: As pesquisas e reflexões sobre o livro didático

permitem apreendê-lo em sua complexidade. Apesar de ser um objeto bastante familiar e de fácil identificação, é praticamente impossível defini-lo. (BITTENCOURT,2004)

Embora, no mesmo artigo, Circe afirma:A história do livro didático, ao se constituir em campo significativo da área, introduziu a preocupação de inventariar e preservar, o máximo possível, a produção escolar.(BETTENCOURT,2004)

Sobre o objetivo do livro didático, podemos acrescentar a afirmação de Carmagnani: Uma análise crítica do livro didático não poderia deixar de considerar sua inserção no contexto geral do sistema educacional, o mercado o qual serve e, por fim, seus usuários, professores e alunos (CARMAGNANI, 1999b, p. 127).

No que diz respeito ao material de apoio à prática docente, o livro didático tem exercido papel fundamental no desenvolvimento curricular das disciplinas e serve como referência teórica e metodológica para os professores, na medida em que cumpre o papel de organizador e orientador da seqüência dos conteúdos e atividades a serem desenvolvidas (FREITAG, COSTA e MOTTA, 1997).

Através desta afirmação percebemos que ao usar o livro didático como guia de conteúdo disciplinar, o educador poderá ganhar um aliado em sala, facilitando, assim, um andamento da matéria mais exato, em uma linha cronológica reta. Porém o andamento da disciplina não deve ser baseado somente no livro didático, tornado este mais um dos muitos elementos do processo de ensino aprendizagem. A formação do professor conta muito para uma obtenção de melhores resultados ao usar tal artifício. Depende do conhecimento do educador dar continuidade, endossar, ratificar ou até mesmo retificar o que está na obra. (DAVES, Nicholas. 1991)

Ao analisarmos o livro didático, também precisamos analisar o contexto educacional e social no qual ele está incluso: o sistema educacional, a sociedade e seu atual momento social pelo qual passa o comércio deste material e sua clientela, etc.

Podemos, desta forma, citar elementos cruciais que, como afirma Oliveira et al. (1984), fazem parte da criação de um livro didático: o pedagógico, o econômico e o político, onde se encontram também o social e o cultural.

Podemos entender, analisando a afirmação acima, o porquê de alguns professores não se apoiarem totalmente em livros didáticos, uma vez que sua informação sempre se baseará em elementos culturais, sociais, políticos, entre outros.

É preferível ao educador trabalhar com uma fonte de informação neutra, porém o livro didático sempre refletirá o momento pelo qual o coletivo passa, fazendo aluno

receber a opinião de um tópico da disciplina já pronta, ao invés de refletir sobre este isoladamente.

2.4.2 Proposta Curricular do Estado de São Paulo

A proposta Curricular do Estado de São Paulo foi lançada em 2008, pela secretaria da Estadual da Educação do Estado de São Paulo, na pessoa do secretário da Educação Paulo Renato de Souza e de toda Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógica do estado.

Este documento básico apresenta os princípios orientadores para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo. O documento aborda algumas das principais características da **sociedade do conhecimento** e das pressões que a contemporaneidade exerce sobre os jovens cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas possam se tornar aptas a preparar seus alunos para esse novo tempo. Priorizando a competência de leitura e escrita, esta proposta define a escola como espaço de cultura e de articulação de competências e conteúdos disciplinares. (SÃO PAULO, 2008 p.8)

Este projeto é dividido em Ciências Humanas e suas tecnologias (Filosofia, Geografia, História, Sociologia), Ciências da Natureza e suas tecnologias (Biologia, Ciências, Física, Química), Linguagem, códigos e suas tecnologias (Artes, Educação Física, LEM- Inglês e Língua Portuguesa) e Matemática.

Foram elaborados cadernos que auxiliam no decorrer do processo de ensino aprendizagem. Para gestores(caderno do gestor), e professores coordenadores, professores (caderno dos professores) e para os alunos (caderno dos alunos).

De acordo com a secretaria de educação estadual:

O Caderno do Professor é um material distribuído para professores de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Composto por 76 cadernos organizados por bimestre, por série e por matéria, ele indica com clareza o conteúdo a ser ministrado aos alunos da rede pública estadual. É complementar ao material didático que já estava disponível para todas as escolas.

O Caderno do Gestor foi desenvolvido para Professores Coordenadores e apresenta situações que versam sobre currículo, planejamento e avaliação.

O objetivo é subsidiar o Coordenador em suas práticas, para programar o currículo estadual, organizar sua crítica e construir a Proposta Pedagógica que representa a identidade da sua escola em particular.

O Caderno do Aluno é um complemento ao Caderno do Professor (lançado em 2008). Desenvolvido em 2009 para os cerca de 3,3 milhões de estudantes de 5ª a 8ª do Fundamental e de Ensino Médio, ele traz exercícios, mapas,

tabelas, indicadores bibliográficos e dicas de estudo. (site:www.rededosaber.sp.gov.br).

A proposta também conta com o apoio de Orientações para Gestão do Currículo na Escola que norteiam o processo na escola.

Integra esta Proposta Curricular um segundo documento, de Orientações para a Gestão do Currículo na Escola, dirigido especialmente às unidades escolares e aos dirigentes e gestores que as lideram e apóiam: diretores, assistentes técnico-pedagógicos, professores coordenadores e supervisores. Esse segundo documento não trata da gestão curricular em geral, mas tem a **finalidade específica** de apoiar o gestor para que seja um líder e animador da implementação desta Proposta Curricular nas escolas públicas estaduais de São Paulo. (SÃO PAULO, 2008 p.9)

A proposta sofreu influência nas bases dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Na implantação da proposta Curricular do Estado de São Paulo houve um desentendimento, e alguns setores da educação expressarão suas opiniões não muito favoráveis:

Quanto à concepção de professor que está implícita na Proposta Curricular, consideramos que ela é altamente restritiva e retira a autoria do trabalho didático e a autonomia docente. Analisando-se os Cadernos do Professor, organizados por bimestre e por disciplina, pode-se constatar que estão previstos conteúdos, habilidades e competências organizados por série e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, para a avaliação e a recuperação, bem como de sugestões de métodos e estratégias de trabalho nas aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares. Desta forma, o professor se torna um mero repetidor de conteúdo elaborado por outrem, desvinculado da realidade na qual atua, sem nenhuma possibilidade de flexibilizar o fazer pedagógico. Da forma como estão organizados, os Cadernos podem ser vinculados aos famosos guias didáticos expressamente orientados pelas políticas educacionais do Banco Mundial, quando este propõe discutir a melhoria da qualidade e eficiência da educação, afastando toda e qualquer hipótese da construção de um projeto político pedagógico autônomo por parte da comunidade escolar. (Revista planejamento.p.9)

A proposta foi elaborada e implantada para todo o estado de São Paulo, houve quem apoiasse como quem discordassem, mas ela existe, tendo uma forte contribuição na base educacional do estado.

2.4.3 Marcas Lingüísticas e suas finalidades

Simplificando a definição de marcas lingüísticas, estas são palavras que contribuem para o sentido do texto qual o autor deseja expressar. Porém tal definição chega a ser unilateral pensando-se que somente através do enunciado do autor é

construído o sentido do texto. Podemos entender melhor através da citação feita por Maria Letícia de Almeida Rechdan de Bakhtin:

Segundo Bakhtin (1992), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos (...). Portanto a enunciação procede de alguém e se destina a alguém. Qualquer enunciado propõe uma réplica, uma reação. (BAKHTIN, apud RECHDAN, p.1)

Vemos através desta afirmação que só o sentido que o autor deseja aplicar em sua mensagem não basta, o leitor ou receptor fará a interpretação a sua maneira, traduzindo tais marcas do texto a seu modo pessoal. Segundo Rechdan sobre a definição do sujeito de Bakhtin, podemos entender que o sujeito tem um projeto de fala que não depende só de sua intenção, mas depende do “outro”, no caso o leitor, o ouvinte, o receptor, etc. O sujeito, por sua vez é formado pelo social, ideológico, histórico pelo qual passa ou passou. (RECHDAN, p3)

A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. (...) O signo ideológico por excelência é a palavra, segundo Bakhtin (1992, p. 36). Segundo Brait (2000), o signo não é só o sinal que identificamos para produzir sentido, deve ser compreendido na situação, no dentro (do texto) e no fora (história). (BAKHTIN, apud RECHDAN; BRAIT, apud RECHDAN, p.3-4)

Quando pensamos em marcas lingüísticas pensamos principalmente em palavras que podem adicionar um sentido oculto ou sutil à mensagem, porém uma marca lingüística também pode incidir num gênero discursivo, dependendo do locutor para usar o gênero discursivo mais pertinente a situação e do interlocutor para que possa interpretar o gênero de acordo com o que entendeu. Usando a afirmação de Rechdan para finalizar, poderemos perceber como a interpretação da mensagem produzida vai além do signo lingüístico no qual mais facilmente se incluiria a marca lingüística. (RECHDAN p.1)

Compreender, portanto, não equivale a reconhecer o “sinal”, a forma lingüística, nem a um processo de identificação; o que é realmente importante são as interações dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor.

3. ANÁLISE DO CORPUS: ANÁLISE DO DISCURSO MARXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS E NOS CADERNOS INTITUIIONAIS.

O Corpus das nossas análises foram textos de livros didáticos de Língua portuguesa e dos cadernos do aluno da proposta Curricular do Estado de São Paulo de língua portuguesa.

Foram analisados cerca de 40 livros, de anos diversificados e oito cadernos do aluno, da proposta Curricular do Estado de São Paulo, de 2009 de nono ano do ensino fundamental (8ª série) e segunda série do Ensino Médio (2ª).

A dificuldade para encontrar textos que se relacionam aos pensamentos Marxistas, foi uma missão trabalhosa, mas para nossa felicidade em livros didáticos a busca obteve resultados melhores. Porém em cadernos do aluno a busca foi arrasadora, não foram encontrados nos pesquisados, textos coniventes com nossa proposta. Mesmo as bases formado da proposta fazer menção a ideias ideologias no seu desenvolvimento não foram encontradas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram usados para a formação da proposta como já foi dito, observamos o que diz sobre as análises de textos:

Analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos:
Identificando e repensando juízos de valor tanto sócio-ideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua; (BRASIL, 1998.p.32).

Mas infelizmente neste caso dos Cadernos do Aluno não aconteceu isso.

Segue a baixo a relação dos textos selecionados dos livros didáticos encontrados marcas marxistas.

Relação de textos:

- “O Operário em Construção”;
- “Carrapicho”;
- “Primeira Lição”;
- “Os problemas do Profº Burini;
- “Um Gari da Cidade;

- “O padeiro”;
- “Coisas da Terra;

Leia o texto que segue e responda às questões de 1 a 8:

O operário em construção
(fragmento)

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facção
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

(Vinicius de Moraes)




VINICIUS DE MORAIS
Nasceu em 1913, no Rio de Janeiro, e morreu em 1980, na mesma cidade. Vinicius de Moraes muito contribuiu para a poesia e para a música popular brasileira. “Capitão-do-mato, poeta, diplomata, o branco mais preto do Brasil” era como ele próprio se definia. Entre seus textos, destacam-se “Samba da bênção”, “Operário em construção” e “Soneto de fidelidade”.

Análise:

Linguagem não verbal:

Figura de um operário: Através da ilustração, o operário segurando o pão e logo atrás há uma chaminé industrial, temos a representação do trabalho através da chaminé, sendo a mão-de-obra representada pelo trabalhador e o pão que este segura, representando o produto do seu trabalho, casando-se, perfeitamente, ao tema explanado na poesia.

Língua/linguagem

No texto “O Operário em Construção” de Vinicius de Moraes, (anexo X) no campo semântico, vemos um texto pronunciadamente nominal, rico em adjetivos, advérbios e substantivos. Confirmamos isto no trecho abaixo:

“Mas ele desconhecia esse *fato*, esse *fato extraordinário*: Que o *operário* faz a *coisa* e a *coisa* faz o *operário*.”

Tal característica apresenta ao texto uma carga mais subjetiva ao leitor, o que nos leva a figura de linguagem usada no trecho acima: a prosopopéia, utilizada para a coisificação do operário em contraste da humanização que o vocábulo “coisa” ganha no texto. A linguagem é simples e o texto é de fácil entendimento, porém não direto, marcado pelo seu estilo literário.

“Ao constatar assombrado. Que tudo naquela mesa _Garrafa, prato, facão_ era ele quem fazia(...)”

Subjetividades:

Enunciador: inserido pelo emissor (carne e osso): a voz que narra os fatos

Enunciatário: inserida pelo emissor (carne e osso): o leitor que o autor inseriu.

Vozes: da inocência: “Mas ele desconhecia esse fato extraordinário”

Voz da reflexão: “Ele, um humilde operário, um operário em construção.”

Voz da razão: “Ao constatar assombrado que tudo naquela mesa (...) era ele quem fazia.”

Voz da ignorância: superação da alienação: “Mas ele desconhecia esse fato extraordinário”

Ideologia:

Discurso revelador: o operário percebe sua parcela de contribuição:

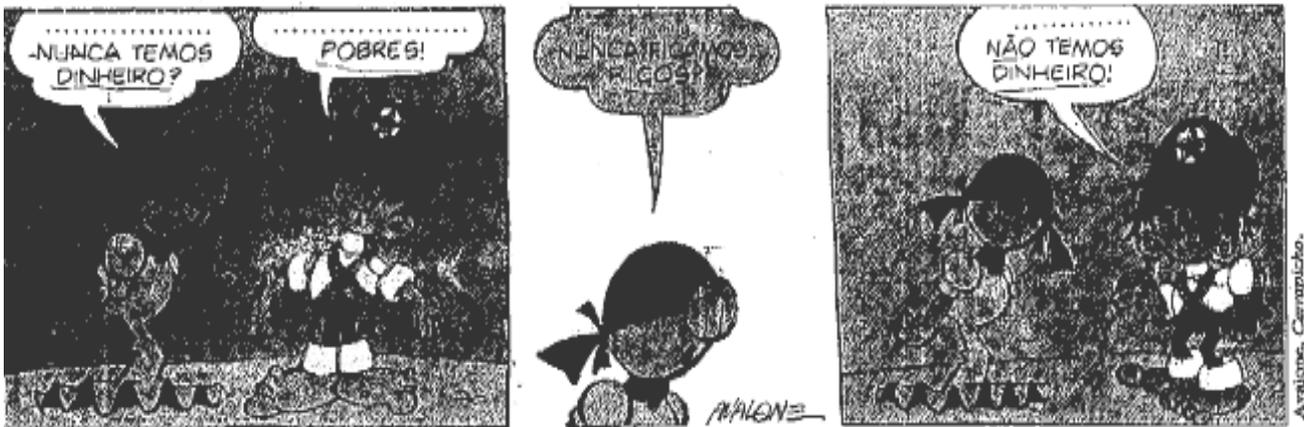
“Olhou em torno: gamela, banco, enxerga, caldeirão, vidro, parede, janela, casa, cidade, nação! Tudo que existia, era ele quem o fazia.”

Discurso do despertar:

“Mas ele desconhecia esse fato extraordinário (...) Ao constatar assombrado que tudo naquela mesa (...) era ele quem fazia.”

O discurso marxista se apresenta no fato de tudo que ocorrer no texto esta direcionado ao trabalho, a sobrevivência, a necessidade de descobertas, de inventar coisas novas, a vida em torno do trabalho. O operário se materializa como pessoa através do trabalho.

HQ “Carrapicho”- Avalone



“_ Nunca Temos dinheiro?

_ Pobres!

_ Nunca ficamos ricos?

_ Não temos dinheiro!”

Análise:

Linguagem não verbal:

um homem e uma mulher conversando sobre dinheiro e falta dele.

Linguagem verbal:

No quadrinho “Carrapicho” de Avalone, notamos um texto, também, nominal evidenciado por palavras como” rico, pobre e dinheiro”. Também há o advérbio hiperbólico “nunca”, exercendo uma ênfase na idéia central do texto:

Vemos nas falas acima a marca da oralidade, exposta através do texto direto, objetivo e de marcas linguísticas fortes, tornando-o de fácil entendimento.

Subjetividade:

Enunciador: inserido pelo emissor (carne e osso): a voz que narra os fatos

Enunciatário: inserida pelo emissor (carne e osso): o leitor que o autor inseriu.

Voz da indagação: A mulher questiona um fato em suas vidas: “Nunca temos dinheiro?”

Voz da realidade: O homem responde a indagação com uma realidade desanimadora: “Pobres!”

Voz sujeita/passiva: “Não temos dinheiro!”. Aqui notamos, também, um sentido extra ao contexto. A voz neste quadrinho, embora revoltada é passiva, pois é controlada pela realidade.

Ideologia:

Discurso da inconformidade: Os personagens não se conformam em não ter dinheiro:

Discurso da diferença social: sem dinheiro/pobre, com dinheiro/rico.

Porém notamos uma certa higienização no quadrinho. Vemos que os personagens são pobres através da afirmação dos mesmos e da conclusão da tira. Contudo não há no quadrinho o motivo da pobreza nem o porquê eles nunca ficarão ricos.

A ideologia marxista aqui se apresenta, principalmente, exposta pela luta entre classe. Aqui notamos uma reflexão do eterno ciclo do proletariado, no qual o salário serve, basicamente, para sua subsistência (pobre), e o patrão será sempre o detentor do poder aquisitivo (rico). O discurso do proletariado é passivo, subjugado pela realidade que o cerca, enquanto o patrão (rico) será sempre o detentor do poder da mudança, assim como o da realização.



Na escola primária
Ivo viu a uva
e aprendeu a ler.
Ao ficar rapaz
Ivo viu a Eva
e aprendeu a amar.
E sendo homem feito
Ivo viu o mundo,
seus comes e bebes.
Um dia num muro
Ivo soletrou
a lição da plebe.
E aprendeu a ver.
Ivo viu a ave?
Ivo viu o ovo?
Na nova cartilha
Ivo viu a greve
Ivo viu o povo.

(Lêdo Ivo)

Linguagem não verbal:

Uma cabeça de um homem, o pensar de um homem, os objetivos de um homem.

No texto “Primeira Lição”, de Lêdo Ivo, vemos a predominância de verbos sobre outras classes gramaticais tais como substantivo, adjetivo, advérbios, etc. Tal característica dá ao leitor mais rapidez e a idéia de mudança ao texto. Conforme veremos no próximo trecho, notaremos a figura da gradação, marcada através dos verbos no qual acontece o despertar da consciência de Ivo:

“Na escola primária Ivo *aprendeu* a ler. (...) Ivo *viu* Eva e *aprendeu* a amar. E *sendo* homem feito, Ivo *viu* o mundo e seus comes e bebes. (...) Ivo *Soletrou* a lição da plebe e *aprendeu* a ver.”

Notamos também no trecho acima a assonância e a aliteração que as palavras que cuja a letra v aparece repetida: Ivo, viu, uva, Eva.

Notamos, também, a figura metáfora presente neste texto:

“Ivo soletrou a lição da plebe e aprendeu a ver.” _ o sentido dado a esta metáfora é a epifania de Ivo que o faz ver a realidade do povo.

Subjetividade:

Enunciador: inserido pelo emissor (carne e osso): a voz que narra os fatos

Enunciatário: inserida pelo emissor (carne e osso): o leitor que o autor inseriu.

Voz da realidade: “Aprendeu a ver. Ivo viu a ave? Ivo viu o ovo?”

Voz da consciência: “(...) Ivo soletrou a lição da plebe.”

Ideologia:

Discurso da conscientização:

Discurso revelador:

O discurso marxista é apresentado no fato de: “Ivo soletrou a lição da *plebe*. (...) Ivo viu o *povo*. Ivo viu o *mundo*.” Ivo tem uma epifania, uma revelação que o ajuda a ver o mundo de greve, o mundo do povo, da massa popular.

Os problemas do prof. Burini

José J. Veiga

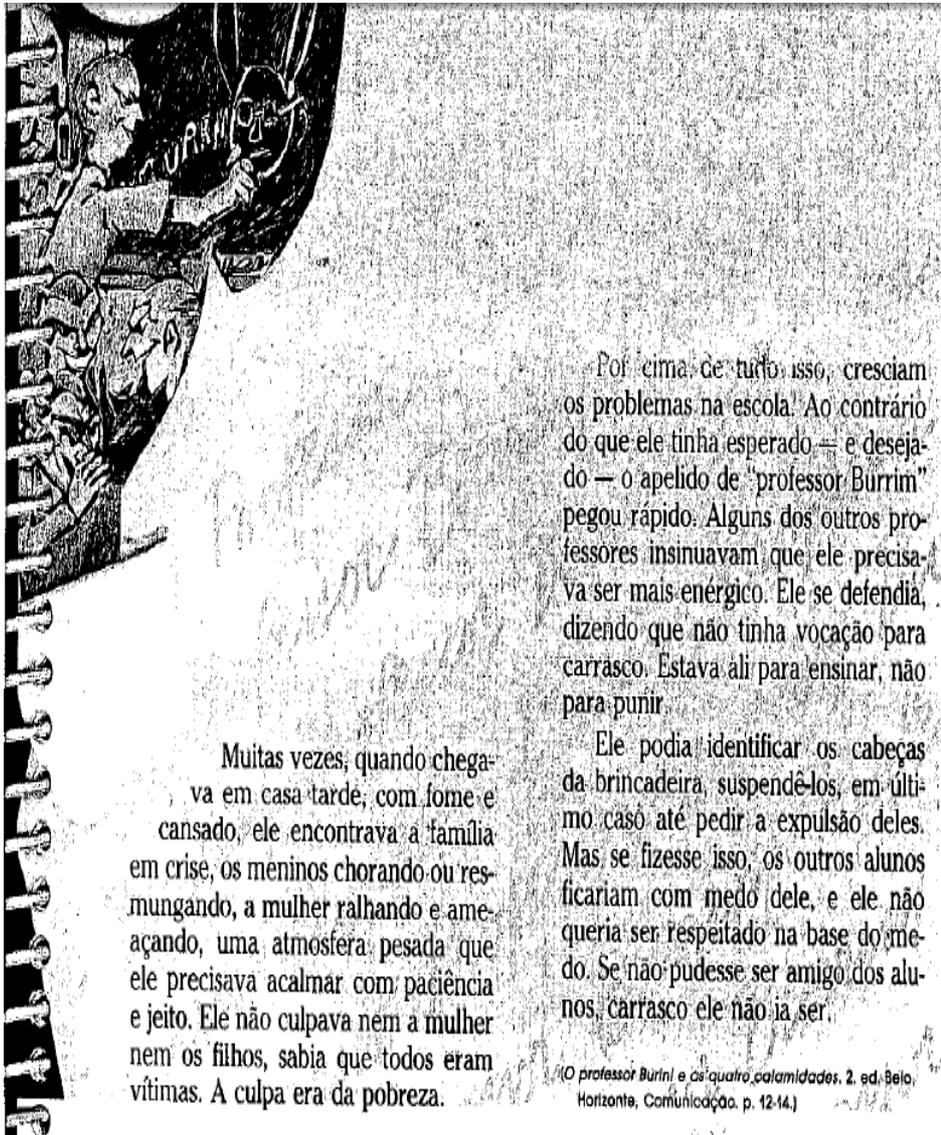
O maior problema do professor Burini era o salário, que não estava chegando para as despesas. Os outros problemas, também graves, eram consequência da falta de dinheiro. Sustentar a família de mulher e dois filhos era uma ginástica que começava de manhã cedo e ia até tarde da noite.

Ganhando tão pouco, ele era obrigado a morar em um subúrbio longe. Para agravar a situação, a casa ficava perto de uma pedreira, onde explodiam dinamite o dia inteiro. Por causa dessas explosões, a mulher do professor ficou com os nervos abalados, e por qualquer bobaginha perdia a paciência com os filhos, que já não sabiam o que fazer para não serem repreendidos a toda hora.

Além do aluguel, da comida, de uniformes e livros para as crianças, de roupa e calçado para ele e a mulher, do transporte, das prestações, ainda havia as despesas com remédios para a mulher, que não podia largar

os filhos e o serviço da casa para entrar na fila do Instituto. Para aumentar um pouco o salário, o professor passou a dar aulas também em um curso noturno para adultos.





Muitas vezes, quando chegava em casa tarde, com fome e cansado, ele encontrava a família em crise, os meninos chorando ou resmungando, a mulher ralhando e ameaçando, uma atmosfera pesada que ele precisava acalmar com paciência e jeito. Ele não culpava nem a mulher nem os filhos, sabia que todos eram vítimas. A culpa era da pobreza.

Por cima de tudo isso, cresciam os problemas na escola. Ao contrário do que ele tinha esperado — e desejado — o apelido de "professor Burrim" pegou rápido. Alguns dos outros professores insinuavam que ele precisava ser mais energético. Ele se defendia, dizendo que não tinha vocação para carrasco. Estava ali para ensinar, não para punir.

Ele podia identificar os cabeças da brincadeira, suspendê-los, em último caso até pedir a expulsão deles. Mas se fizesse isso, os outros alunos ficariam com medo dele, e ele não queria ser respeitado na base do medo. Se não pudesse ser amigo dos alunos, carrasco ele não ia ser.

(O professor Burrini e as quatro calamidades, 2. ed., Belo Horizonte, Comunicação, p. 12-14.)

Análise:

Linguagem não verbal: Desenho de uma Cabeça: Dentro dela está repleta de outros desenhos .

- Cheia de problemas, preocupações;
- Desenho de um homem, de uma mulher, de crianças: Ele e a Família
- Desenho caricato;
- Várias vezes escritas: Professor Burrim, remetendo como ecos de seus pensamentos.

Os desenhos refletem todas as aflições sofridas pela personagem através de caricaturas;

Língua/Linguagem: Linguagem acessível: Texto de fácil entendimento;

Parágrafos longos, com poucas conjunções, ajuda na legibilidade do texto, deixando de fácil compreensão, pois o texto foi trabalhado em um livro de sexto ano (quinta série), alunos recém ingressos no segundo ciclo do Ensino Fundamental;

As conjunções que aparece são as mais usadas:mas ,e

Trabalha verbos no tempo verbal, pretérito imperfeito: Tempo passado que remete ao presente;

“O maior problema do professor Burini era o salário, que não estava chegando para as despesas.”

Orações invertidas: ”Por causa dessas explosões, a mulher do professor, ficou com os nervos abalados,... (Trecho Original)

A mulher do professor ficou com os nervos abalados, por causas das explosões.

O recurso de inversão de orações exige do leitor certa experiência de leitura, por isso este recurso dificulta o entendimento a princípio. Este recurso não se utilizara a alunos de sexto ano, pois são leitores há pouco tempo.

Subjetividade:

Enunciador: inserido pelo emissor (carne e osso): narrador da historia

Enunciatário: inserido pelo emissor (carne e osso): o leitor que o autor inseriu

Voz da realidade constituída pela pobreza;

Voz da dificuldade. Salário insuficiente;

Voz do equilíbrio: O Professor não quer o medo dos alunos, mas respeito;

Ideologia:

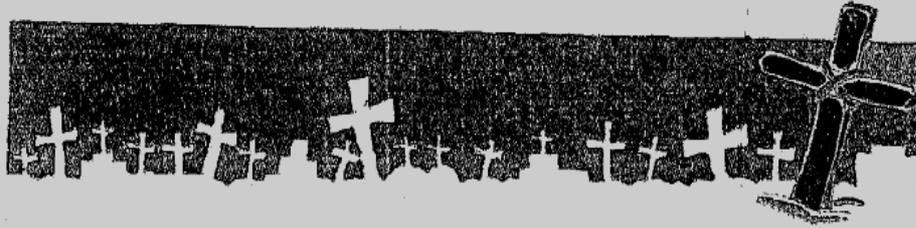
Discurso da força de trabalho: venda da força de trabalho insuficiente para as necessidades básicas.

Discurso da Desvalorização do profissional: O salário que recebia mal dava para pagar suas contas, morava em um lugar ruim, por motivos financeiros.

Discurso do profissional da educação: As perspectivas de vidas melhores para o profissional da educação é colocada em prova. Como um professor pai de família consegue sustentar sua casa com que ganha dando aulas.

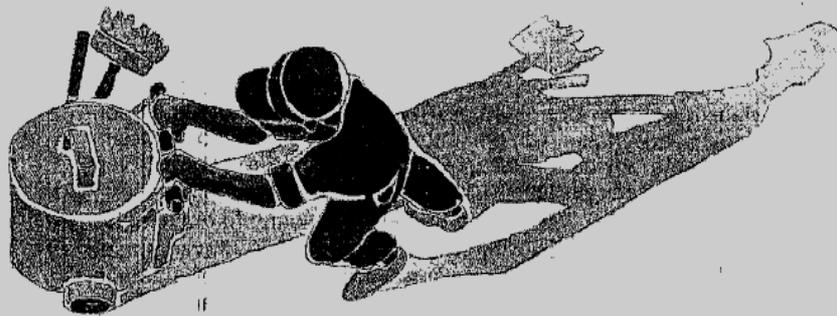
O discurso marxista é apresentado no fato de tudo dentro do seu lar girar em torno do seu trabalho. Marx dizia que os trabalhadores vendem suas forças de trabalho por aquilo que se acha justo para o sustento de sua família, ou seja, o salário, e que o ajude a educar seus filhos para seres trabalhadores no futuro, mas de acordo com o texto o professor Burini, vende sua força de trabalho por um preço inferior ao seu sustento. As diferenças são sentidas pelo trabalhador quando o salário é insuficiente. Se ganhasse para seu sustento ele não perceberia as suas dificuldades. As desigualdades sociais começam a ser latentes quando bate a sua porta.

Desigualdade: salário pouco x muitas despesas.



Um gari da cidade

A li jaz aquele senhor morto por uma fatalidade do destino. Ali jaz. Não pisem em sua sepultura. A terra está fofa, a cova é rasa. Ali jaz. As pétalas de roxo murchas são restos da lembrança da única coroa que os companheiros de trabalho enviaram, com que sacrifício, resultado de vaquinha. Aqui jaz, completamente encerrada, a história de um homem igual a tantos, meteorito apagado e frio que tombou no planeta do asfalto.



Todos os dias ele cumpria o dever. Era um dever oculto, pequeno como um pedregulho que sapatos distraídos chutam no meio-fio. Mas era um dever. Fazia parte do contrato de trabalho empurrar, todos os dias, seu carrinho cilíndrico com rodas de borracha. O carrinho era seu instrumento de trabalho. Ele, o morto, quando era vivo, pilotava pedestre esse carrinho. O carrinho era acionado por suor e força muscular. Era um carrinho humilde como o homem que ali jaz.

Esse carro cilíndrico valia muito. Como fazia todas as manhãs, naquela manhã, dia comum, dia com horário, dia normal de expediente, nem alegre nem triste, apenas um dia neutro como um tacó de sinuca, dia sem pressentimentos, promessas, horóscopo, pragas e ilusões, o homem toma de seu carrinho que valia muito e o empurra pelas calçadas, desviando-se dos postes, dos buracos, dos desníveis e das pernas das pessoas prestantes da cidade.

Era sua viagem diária. Enquanto empurrava o carrinho, o homem não precisava pensar em nada importante. Não ia resolver nenhum problema, não tinha sobre os ombros o destino do mundo, não imaginava soluções para o seu time. É apenas um homem empurrando seu carrinho de gari. Limpa a cidade. Persegue com os olhos as bitucas de cigarros, palitos queimados, caixas de fósforo vazias, papéis picados. Sua missão é tentar livrar a cidade do lixo. Se faltasse um dia ao serviço, sua ausência seria notada devagar, pelo acúmulo de coisas inúteis, pela poeira, pelos retalhos de necessidades que iriam sendo semeados no concreto das ruas.

Mas ele não faltava, e nem faltou naquela manhã normal, varrendo o Vale do Anhangabaú. Um vale histórico, cheio de sa-gas e lembranças, gritos afogados, comícios extintos, suicídios, festas apagadas, buzinas e ruídos, o vale que esconde um riacho antigo, onde antes se pescava. O homem com seu carrinho tudo isso ignorava. Ele era apenas um ponto.

O homem que ali jaz era apenas um ponto.

Análise

Linguagem não verbal: Desenho de cruz: Morte, salvação

Desenho de um gari com seu instrumento de trabalho (carrinho).

Língua/linguagem: Linguagem acessível

Hipérbole: repetição de ideia: Ali jaz- Ali Jaz

O texto traz muitos verbos: Ação, rapidez nas ações;

“todos os dias ele cumpria o dever. Era um dever oculto, pequeno como um pedregulho que sapatos distraídos chutam no meio frio.”

As orações são curtas (muitas orações dentro de um parágrafo); uso de muitas vírgulas.

Subjetividade: Enunciador: inserido pelo emissor (carne e osso): narrador da história

Enunciatário: inserido pelo emissor (carne e osso): o espectador dos fatos ocorridos na rua.

Voz do anonimato: Um homem gari morre. Não se sabe o nome, a idade, quem era, há quanto tempo era gari?

Voz da cidade: Movimento da cidade em volta do gari, à cidade não parou porque um trabalhador morreu;

Voz da obrigação: O gari cumpria seu trabalho: “Mas era um dever. Fazia parte do contrato de trabalho.

Ideologia: O discurso obscuro do dever, ele cumpria sua obrigação sem ao mesmo o perceberem;

O discurso da venda de trabalho desvalorizada: o trabalho feito sem reconhecimento;

O discurso do rótulo: ser humano rotulado pela sua ocupação, não possuía o nome, mas sua função de trabalho se sabia era gari.

O trabalho que cada um de nós realiza é sempre importante para que a sociedade se mantenha ativa e se aprimore como um todo. Assim, cada um de nós, por mais humilde e pequeno que seja, colabora de forma preciosa para a vida de todos os outros homens. Veja, por exemplo, o padeiro.



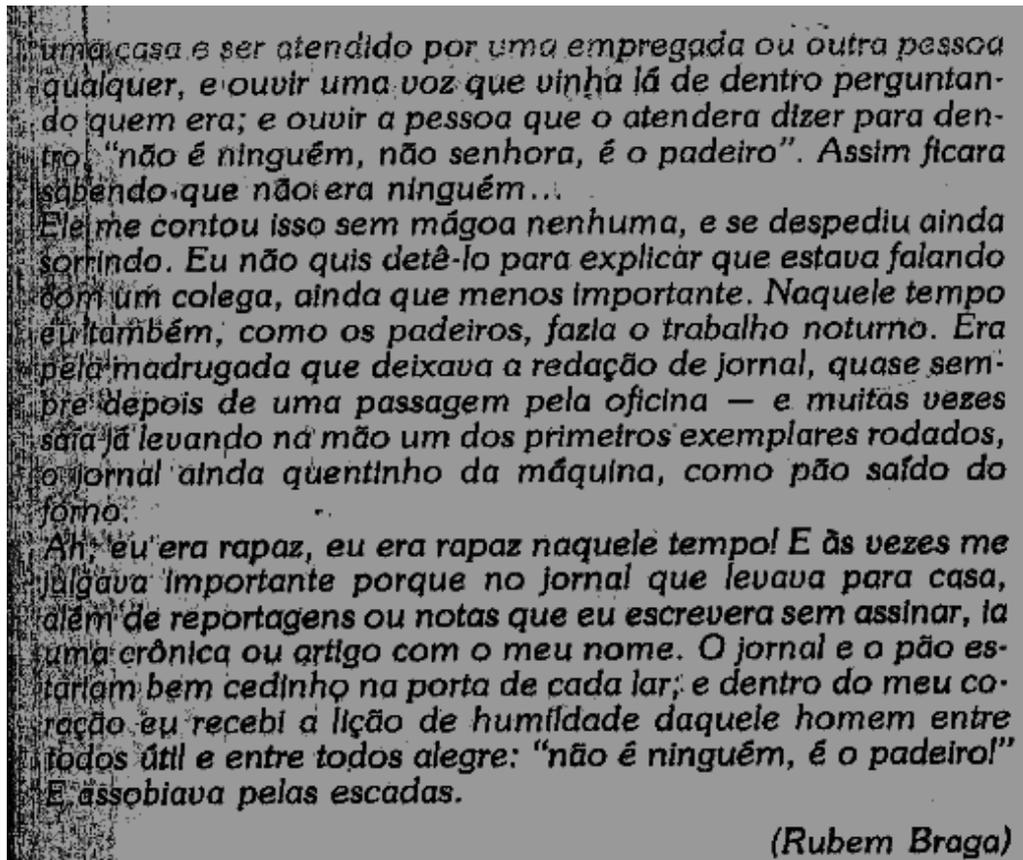
O padeiro

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento — mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um lock-out, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o quê do governo. Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento, ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

— Não é ninguém, é o padeiro!

Interroguei-o uma vez: como tivera a idéia de gritar aquilo?
“Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de



Análise:

Linguagem não verbal: Um homem vestido de social (Terno, gravata, camisa); fumando, com um jornal de baixo dos braços;

Uma noite estrelada, ar propício a melancolia e lembranças;

Homem com semblante contemplativo.

Língua/linguagem: Linguagem acessível;

Texto escrito em letras grandes;

Verbos no presente do indicativo: Ação não terminou;

Marcas de oralidade: Ah (interjeição), eu era rapaz, eu era rapaz

Subjetividade: Enunciador: inserido pelo emissor (carne e osso): narrador da história, o jornalista que conta a história.

Enunciatário: inserido pelo emissor (carne e osso): a quem conta a história, o leitor empírico.

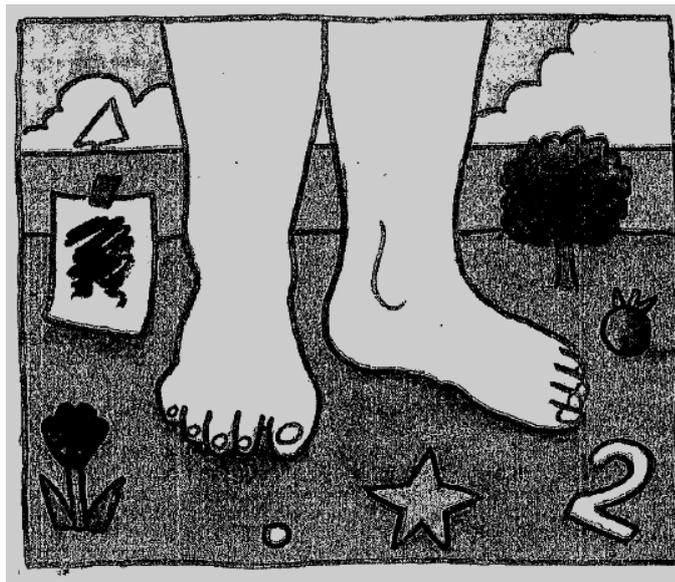
Voz do contemplamento: lembranças que perpassa a um eu;

Voz da reflexão: O eu reflete sobre sua vida o texto todo;

Voz da nostalgia: As lembranças são fortes e marcantes;

Ideologia: Discurso didático: Lembrete introduzido ao lado do texto: o autor introduz sua visão sobre o texto e o que será trabalhado, tenta induzir o leitor ao seu ponto de vista;

O discurso do reconhecimento: tanto o jornalista, quanto o padeiro tem vidas profissionais parecidas. Todos fazem parte de um sistema empregatício, vendem suas forças de trabalho para manter suas necessidades.



Coisas da terra

*Todas as coisas de que falo estão na cidade
entre o céu e a terra.*

*São todas elas coisas perecíveis
e eternas como o teu riso
a palavra solidária
minha mão aberta
ou este esquecido cheiro de cabelo
que volta
e acende sua flama inesperada
no coração de maio.*

*Todas as coisas de que falo são de carne
como o verão e o salário.*

*Mortalmente inseridas no tempo,
estão dispersas como o ar
no mercado, nas oficinas,
nas ruas, nos hotéis de viagem.*

São coisas, todas elas,
cotidianas, como bocas
e mãos, sonhos, greves,
denúncias,
acidentes do trabalho e do amor. Coisas,
de que falam os jornais
às vezes tão rudes
às vezes tão escuras
que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade.

Mas é nelas que te vejo pulsando,
mundo novo,
ainda em estado de soluços e esperança.

(Ferreira Gullar)

Análise:

Linguagem não verbal. Pés descalço na terra: A terra como firmamento

Figuras em volta dos pés-planos de vida ligado a terra.

Língua/linguagem: Um poema, linguagem rebuscada, porém acessível

Hipérbole-repetição de ideias- “Todas as coisas de que falo estão na cidade

Entre o céu e a terra./São todas elas coisas percíveis /e eternas como o teu riso
/a palavra solitária /minha mão aberta

Períodos compostos- ajuda a complicar a legibilidade de leitura. Quanto mais se
traz em um texto mais se aumenta o grau de atenção ao lê-lo.

Metáforas e comparação. Todas as coisas de que falo são de carne/como o verão
e o salário

Prosopopéia- características humanas a seres inanimados: “Mas é nelas que te
vejo pulsando mundo novo.

Subjetividade:

Voz revolucionária: voz que luta por conquista nova, por um mundo novo.

“Mas é nelas que vejo pulsando mundo novo,

“Ainda em estado de soluço e esperança.”

Voz reflexiva: reflete o tempo todo sobre o que se passa sobre sua volta

“coisas de que falam os jornais

Às vezes tão rudes

Às vezes tão escuras

“Que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade”

Ideologia:

Discurso da razão: constatação da voz do enunciatário

Discurso real: salário, produto do trabalho, é colocado como de carne. Trabalho coisa mortal, proveniente de um ser mortal.

Discurso do banal: Luta por condições de trabalho melhor e acontecimento de trabalho visto como cotidiano; greve/acidente de trabalho. O cômodo diante da desigualdade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas desenvolvidas sobre a ótica da Análise de Discurso acerca do discurso marxista nos textos didáticos, percebe-se, primeiramente, uma dificuldade de introdução de textos ideológicos na disciplina de Língua Portuguesa. O Parâmetro Curricular Nacionais (PCNs) traz o seguinte dizer sobre a seleção de textos para serem trabalhados em sala de aula.

A SELEÇÃO DE TEXTOS

Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (epopéia, cartoon), das culturas (haikai, cordel) das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada.

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 1998, p. 24)

Embora os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs) tragam uma exposição de idéias à formação do leitor crítico, o que observamos são, em sua maioria, textos com preceitos ideológicos vagos e suavizados. Estes, pouco úteis para o despertar do cidadão crítico-político. Em cadernos institucionais a busca não apresentou nenhum resultado. Ou seja, foram descartados.

Aos professores necessita-se um bom conhecimento político, ideológico e histórico, ou seja, os princípios que regem a Análise de Discurso, além da necessidade de saber trabalhar com a disciplina citada em sala de aula.

As editoras não têm um bom relacionamento com a Análise de Discurso, deixando desprevenido o docente diante da possibilidade de trabalhar com esta. Do corpus de pesquisa deste trabalho, apenas a coleção antiga (1991) apresentou a utilização da Análise de Discurso, porém em alguns volumes os textos não eram compatíveis com a busca: não possuíam marcas de discurso marxista.

Através das datas da elaboração dos livros (1991... 1997... 2009), notamos as ocorrências marxistas e políticas, em geral, tornando-se cada vez mais raras. A gradação de tais ocorrências torna-se mais raras ao passo de que o livro didático é mais atual.

Nota-se aqui uma suavização da ideologia nos textos, e esta dá lugar a leituras mais reflexivas, voltadas ao psicológico e amadurecimento do discente, sem, porém, dar ênfase em seu senso crítico. O historiador José Murilo de Carvalho, da UFRJ, em entrevista à revista Super Interessante explica o porquê desta mudança:

“A geração anterior foi muito marcada pela luta ideológica, exacerbada durante os governos militares. Divergências eram logo transpostas para o campo político-ideológico, com prejuízo para os diálogos e qualidade dos trabalhos. (...) A nova geração de historiadores formou-se em um ambiente menos tenso e polarizado, com maior liberdade de trabalho e um ambiente intelectual mais produtivo.” (CARVALHO, 2010, P.34)

Então, através de afirmação acima, chegamos à conclusão de que a mudança de temas nos livros didáticos muda porque a própria sociedade muda. Por exemplo, notamos em dias atuais a ideologia marxista presente em empresários capitalistas. Ou seja, a ideologia geral em textos didáticos vem diminuindo porque duas fronteiras estão menos presentes na sociedade atual.

5. REFERÊNCIAS

AVALONE, Carlos. Carrapicho. Português. Palavras e Idéias. 7º Série. São Paulo: Ed. Scipione, p.83.

BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental). Brasília:MEC/SEF, 1998.

BITTENCOURT. Maria Fernandes Circe, "**Apresentação**" Scielo Brasil: Scientific Eletronic Library Online. 2004

CARMAGNANI, A. M. A concepção de professor e de aluno no livro didático e o ensino de redação em LM e LE. In: CORACINI, M. J. (Org.). Interpretação, autoria e legitimação do livro didático. São Paulo: Pontes, 1999b. p. 127-133.

CARVALHO, José Murilo de. 19 Mitos da História Brasileira. Revista Superinteressante. Ed. Abril, 2010.

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. 39. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso. Tradução Fabiana Komesu (et al.) São Paulo: Contexto, 2004.

DAVES, Nicholas. O Livro Didático de História do Brasil: Ideologia Dominante ou Ideologias Contraditórias? Niterói: Faculdade de Educação da UFF, 1991 (Dissertação de Mestrado em Educação)

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 8.ed.São Paulo:ática, 2005.

_____.Elementos da Análise do Discurso.13ed São Paulo:Contexto.2005

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber. 6.ed.. Tradução Luiz Felipe Neves.Rio de janeiro: Forense Universitária, 2000.

FREITAG, B.; COSTA, W. F. e MOTTA, R. O livro didático em questão. São Paulo: Cortez, 1997.

IVO, Lêdo. "A Primeira Lição". In:Português. Palavras e Idéias. 5° Série. São Paulo: Ed. Scipione, p.50.

MARX.K.Manuscritos econômicos- filosóficos e outros textos escolhidos;Seleção de textos de José Arthur Gionnoti;Traduções de José Carlos Bruni....(et al).2 ed.São Paulo:Abril Cultural,1978.

MESQUITA.M.R;MARTOS.C,R.:Português Linguagem & Realidade. 8ed.São Paulo:Saraiva.1997.p18-19.

MORAIS, Vinícius. "O Operário em Construção. In:Português. Palavras e Idéias. 7° Série. São Paulo: Ed. Scipione, p.11.

MUSSALIM. F. Análise do Discurso. In:_____; BENTES.A.C(orgs). Introdução à Linguística 2.3ed.São Paulo:Cortez,2003.

NICOLA.J;NFANTE.U. In:Português palavras e idéias. 5.ed.São Paulo.Scipione,1991.p.8-9.50-51.

ORLANDI, Eni P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4.ed.Campinas: Pontes,2006

PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Campinas:Pontes, 2006.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida: "DIALOGISMO OU POLIFONIA?": Taubaté: Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté

RICHE. R.C;SOUZA.D.M.Oficina de Textos leitura e redação 3.ed.São Paulo.Saraiva.1996. p.110-111

Revista Planejamento. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Uma Análise Crítica. Apeoesp. Disponível em: <http://apeoespsub.org.br> Acessado em 06 dez.2010

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa (Ensino Fundamental e Médio)– São Paulo. 2008.

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa: caderno do Aluno: Ensino Médio– vol.1 São Paulo. 2009

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa: caderno do Aluno: Ensino Médio– vol.2 São Paulo. 2009

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa: caderno do Aluno: Ensino Médio– vol.3 São Paulo. 2009

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa: caderno do Aluno: Ensino Médio– vol.4 São Paulo. 2009.

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa:caderno do aluno :Ensino Fundamental – vol1.São Paulo. 2009.

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa:caderno do aluno:Ensino Fundamental – vol 2 São Paulo. 2008.

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa:caderno do aluno:Ensino Fundamental– vol 3.São Paulo. 2009.

SÃO PAULO. SEE: Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa:caderno do aluno:Ensino Fundamental – vol4.São Paulo. 2008.

VOESE, Ingo. Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa. São Paulo:Cortez, 2004.

Sites:

<http://www.rededosaber.sp.gov>. Acessado em 26.jun 2010